

O BADALAR DO SINO DA ESCOLA DE OUTRORA: REFLEXÕES MEDIADAS POR ATAS PEDAGÓGICAS

Fatima Aparecida Maglio Colus¹ e Rita de Cássia Petrenas²

Resumo

As transformações ocorridas no espaço e tempo escolar, muitas vezes, são vistas com saudosismo por gerações que frequentaram os bancos escolares em tempos atrás, conferindo críticas ao sistema educacional atual. Diante da indagação da escola de tempos idos ser melhor do que a atual desencadeou os objetivos desse estudo, o de apresentar dados significativos da educação brasileira no período de 1943 a 1965, com base em atas de reuniões pedagógicas de uma escola do interior paulista que teve grande significado no processo educacional no século XX, bem como realizar um paralelo entre aspectos significativos da educação em meados do século passado e do atual no concernente a organização escolar. Sob o ponto de vista da metodologia utilizada, destacamos a análise das atas pedagógicas, propondo reflexões e apontamentos de temáticas voltadas para a educação no que se referem as três vertentes por nós instituídas: escola e seu papel social, embates financeiros na educação e questões curriculares. O trabalho proporcionou compreender que a educação no Brasil sempre fora considerada um privilégio das elites, não havendo até hoje, valorização e equitatividade que acaba por desqualificar professores e aqueles que a frequentam.

Palavras-chave: Educação; Reuniões Pedagógicas; Grupo escolar.

THE BALLADING OF THE SCHOOL BELL OF YORE: REFLECTIONS MEDIATED BY PEDAGOGICAL MINUTES OF REGISTRATION

Abstract

The transformations that have taken place in school space and time are often seen with nostalgia by generations who attended school benches in the past, criticizing the current educational system. In the face of inquiry whether the school of olden times was better than the current one, the goals of this study were to present significant data on Brazilian education in the period from 1943 to 1965, based on minutes of pedagogical meetings of a school in the countryside of São Paulo that had great significance in the educational process in the 20th century as well as to make a parallel between significant aspects of

¹ Mestre em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda. Professora da Educação Básica do Estado de São Paulo. Professora da Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Araraquara. Integrante do Núcleo de estudos da Sexualidade (NUSEX), UNESP Araraquara. Professora da Educação Básica do Estado de São Paulo. Coordenadora e Professora do Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), São Paulo, Brasil.



education in the middle of the last century and the current one regarding school organization. From point of view of the methodology used, we highlight the analysis of the pedagogical minutes, proposing reflections and notes of themes focused on education regarding the three aspects we instituted: school and its social role, financial conflicts in education and curricular issues. The work made it possible to understand that education in Brazil has always been considered a privilege of the elites with no appreciation and fairness that ends p disqualifying teachers and those who attend.

Keywords: Education; Pedagogical Meetings; School Group.

1. Introdução

Ao primeiro sinal, de silêncio os professores devem dirigir-se aos alunos[...], o segundo sinal, organizar-se-ão as classes, sendo os professores responsáveis pela ordem, (...) ao terceiro, (...) entrada em classe ao som do sino [...]. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, p. 3, 1960).

O contexto escolar atualmente vem passando por diversas alterações se compararmos com a escola que tínhamos em meados do século XX, dentre as diversas mudanças podemos elencar questões em torno da organização social, curricular e pedagógica.

Entende-se que a formação para a cidadania foi um ponto marcante no processo de escolarização no decorrer dos anos, mesmo não sendo defendida por todos e, desse modo, nos faz refletir que a sistematização da educação em uma sociedade tem caráter eminentemente político, pois esta organização se faz por meio de legislações e interesses das classes que estão no poder. Sendo assim, a escola de outrora não pode ser comparada em termos de acesso com o processo de escolarização a partir de 1988, pois, desde então, a cidadania se torna fator primordial na atual sociedade e bandeira de embate educacional havendo necessidade de proporcionar mudanças de atitudes desencadeados em valores que configurem em relações mais éticas e equânimes.

As transformações ocorridas no espaço e tempo escolar, muitas vezes, são vistas com saudosismo por gerações que frequentaram os bancos escolares em tempos idos, mudanças não sendo tidas como positivas do ponto de vista de valores, moralidade, segurança e qualidade do ensino. E assim, nos questionamos que escola era essa que parece dar mostras de ser tão diferente da atual?

Destacamos em artigo de Lima *et al.* (2008) sobre a visão dos pais de alunos sobre a escola que:

Os resultados mostram como os participantes da pesquisa (relação aos pais) veem a escola no presente, a partir de suas memórias do passado. Considerando-se que as representações são criadas para a adaptação e interação no mundo, aqui elas se apresentam como

um “jogo de espelhos” [...]. O trabalho procurou mostrar como a educação no presente é percebida com essa influência do passado, considerando-se que as representações sociais sempre se apoiam em valores tanto ideológicos como culturais [...]. (LIMA *et al.*, 2008, p. 44, grifo do autor).

Compreender os desígnios da contemporaneidade é tarefa que não pode ser concebida de maneira elementar e acima de tudo sem entender as questões do perpassar do processo educacional que faz parte de nossa história. A educação por ser, o objeto determinante desse estudo, possui uma relação direta com a história da educação brasileira, pois é um campo de pesquisa e de saber sistematizado e integrado com demais disciplinas e temas correlatos.

O processo educacional tem um princípio político-ideológico que contempla verificar os diversos valores e crenças perpassados pela sociedade e conseqüentemente pela formação do povo brasileiro, o que cada sociedade preserva e transmite de geração a geração desencadeia conhecimento cotidiano de valores, atitudes e costumes de uma época passada.

Diante da indagação da escola de tempos idos ser melhor do que a atual desencadeou os objetivos desse estudo de apresentar dados significativos da educação brasileira no período de 1943 a 1965 com base em atas de reuniões pedagógicas de uma escola do interior paulista que teve grande significado no processo educacional no século XX e que vem se consolidando até os dias atuais, além de nos propormos a realizar um paralelo entre aspectos significativos da educação em meados do século passado e do atual no concernente a organização escolar.

O material de análise e comparação do estudo serão atas de reunião pedagógicas, que estavam arquivadas em uma sala anexada ao pátio da escola. Elas apresentavam o seguinte padrão: data, local de realização, assunto/tema, comunicados em geral. Ao todo abrangeram sete atas redigidas por um professor da instituição. Ao lê-las, foi possível perceber que parte da história da escola estava registrada e que estes fatos poderiam ser reescritos para que outras pessoas viessem a conhecê-los, bem como parte representativa do contexto educacional.

Sob o ponto de vista da metodologia utilizada, destacamos a análise das atas pedagógicas do período apontado, propondo reflexões e apontamentos de temáticas voltadas para a educação no que se referem as três vertentes por nós instituídas: escola e seu papel social, embates financeiros na educação e questões curriculares.

2. A Escola Sinhá Junqueira enquanto fonte de estudo

A Escola Estadual “Dona Sinhá Junqueira” está localizada na parte central do bairro da Vila Tibério, na cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo,¹

¹ O Estado de São Paulo foi o primeiro no país a implantar um sistema público de ensino considerado moderno, cujos princípios, instituições e organização administrativa e pedagógica serviram de modelo e motivaram a reorganização do ensino público em outros estados.

esclarecendo que o nome escolhido foi em homenagem à Theolina de Andrade Junqueira, figura eminente realizadora de ações sociais e filantrópicas da cidade na sociedade da época. Apresenta-se como instituição educativa com um prédio majestoso, local onde pairam muitas lembranças, fatos, acontecimentos que ficaram registrados na memória de quem estudou, trabalhou nesta instituição ou mesmo residiu ou reside na cidade. Conhecer os tempos passados dessa escola nos remete a uma relação de analogias, ou seja, como seria a escola e o sistema educacional de ontem em relação aos mesmos no presente.

Para Rubem Cione (2002), Ribeirão Preto representou um sinônimo de progresso em grande parte devido à lavoura cafeeira, e com este crescimento necessitava de cursos superiores e escolas. Neste cenário de riqueza com festas monumentais e crescimento urbano, nasce o 3º grupo Escolar de Ribeirão Preto. Integrou o conjunto de 126 escolas públicas construídas pelo Governo do Estado de São Paulo entre 1890-1930 que compartilharam significados históricos, culturais e arquitetônicos.

A instituição, em questão, expressou o caráter educacional inovador e modelar das políticas públicas que durante a Primeira República, reconheceram como fundamental o papel do Estado à promoção do ensino básico, dito primário, e a formação de educadores. Assim, em 16/10/1921 é inaugurada oficialmente a escola denominada como 3º Grupo Escolar que possuía prédio retangular com fachada convencional e janelas compridas em arcos. Segundo Arruda (2010) o edifício da escola pública, conhecido como grupo escolar, consolidou-se como parte integrante de uma política do Estado republicano. Os projetos arquitetônicos com fachadas suntuosas atendiam os estilos vigentes da época com peculiaridades distintas impondo não só um padrão de modernidade a ser seguido como também deviam constituir um marco de referência para simbolizar a qualidade de ensino. O projeto foi assinado pelo arquiteto Mauro Álvaro de Souza Camargo e o ambiente interno foi dividido em oito salas de aula. Em 1960, foi considerado a maior escola da região e a denominação da instituição mudou para Grupo Escolar D. Sinhá Junqueira em 1954 pelo Decreto nº 23.949, atualmente é designada Escola Estadual Dona Sinhá Junqueira. A instituição representa hoje um papel significativo à comunidade, atende em torno de 886 alunos e atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O prédio devido ao seu valor histórico e cultural foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) pela Resolução Nº 60 em 21/07/2010.

2.1 Atas pedagógicas: um movimento possível de desvelar o cotidiano escolar

A escola, como instância social, vive múltiplas rupturas em seus processos, transita e busca se apropriar dos códigos e sinais de seu tempo vivido, dos símbolos, dos ritos e crenças que se renovam constantemente. A memória social tem origem de diversas fontes e a escola participa deste movimento, pois do ponto de vista do contexto educacional é o espaço onde se cria laços e memória. Pode-se dizer, então, que a escola é um “lugar de memórias” (SOUZA, 2000).



O conceito de memória é amplo também plural, pois abarca a neurologia, a psicologia e as ciências sociais, especificamente a História. Tendo como foco, esta última ciência, a memória pode nortear a vida presente ajudando-nos a compreender a realidade vivida para que possamos entender o contemporâneo, ou seja, a memória sempre nos transporta ao passado, quando procuramos entender o presente ou o futuro (LE GOFF, 2003). É importante salientar que a memória, nesse sentido, tem um caráter de representação do vivido de acordo com o contexto cultural, social, econômico, educacional daquele momento e dos envolvidos nesse processo. A maneira como determinado grupo interage com uma situação e se direciona em certo contexto acaba tendo o suporte de representações compartilhadas pelo próprio grupo. Neste movimento de ideia, a memória é algo inerente às pessoas, não sendo fixa, mas mutável de acordo com a movimentação do ser humano e de seu grupo na sociedade. Assim, as atas aqui lidas não mostrará a realidade vivida, mas uma representação dela, daquele momento em que os atores sociais construía esta escola.

Devemos compreender que a necessidade de guardar no decorrer do tempo os feitos da humanidade é tão remota quanto às civilizações, essa característica genuinamente humana já se encontrava na Grécia antiga através da representação da deusa Mnemósise, considerada deusa da memória e a única capaz de controlar o tempo.

Reviver, então, o cotidiano escolar no presente com o auxílio da leitura das atas pedagógicas, no período citado anteriormente, permite além fortalecer as memórias da instituição escolar, como também de ampliar as referências culturais daqueles que a frequentam atualmente. Como afirma Sacristan (2002, p. 75):

A cultura não consiste apenas em um legado fixo e petrificado, mas é constituída também por significados compartilhados [...] cabe conceber a cultura como aquilo que é compartilhado por um grupo determinado de sujeitos [...] para sua existência e sobrevivência, toda cultura pressupõe uma certa dinâmica de expansão.

Nesta perspectiva tem-se que as memórias são os registros da cultura englobando hábitos, crenças e regras de uma determinada época. As atas pedagógicas foram neste estudo, o meio de acessar estas memórias que registram informações com espaços, tempos e métodos bem definidos pontuando vestígios e símbolos do universo escolar. As atas nos possibilitaram a compreensão, enquanto documento capaz de apresentar aspectos do processo educacional que as mesmas só apresentam sentido se forem efetivamente utilizadas e conhecidas por grupos sociais concretos e que possivelmente vivenciem uma relação com esse processo de memória, seja no passado ou tendo relação com o presente.

Compreendemos que apesar das memórias, muitas vezes, serem individuais se tornam coletivas, pois não são vividas única exclusivamente por um ser em isolamento e detrimento do meio em que vive. No caso desse estudo, essas memórias ressignificadas através das atas pedagógicas, impregnam-se de significados vividos por indivíduos de uma determinada época, ou seja,

diretores, professores, alunos que constituíram este contexto social educacional. O badalar do sino, então, adquire sentido conotativo do momento de reviver estas memórias de modo sublime, de respeito a estes personagens que construíram a história deste grupo escolar, pois

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. (NORA, 1993, p. 9).

Consideramos que deixar estes dados à mercê do esquecimento seria uma perda para a história da instituição e que a retomada deste acervo, até então arquivado, possibilite a sociedade ter outro olhar de ressignificação sobre à escola de outrora, destacando que estas memórias serão sempre algo fragmentado, imbuído por interesses diversos de cada época e de seus atores envolvidos.

2.2 Escola: e seu papel social, embates financeiros e questões curriculares

Conforme descrito anteriormente iremos abordar a análise das atas pedagógicas, agrupadas em três vertentes: escola e seu papel social, embates financeiros na educação e questões curriculares, pois esses foram pontos de destaque e possíveis identificar que não são estanques, mas se entrecruzam nos escritos e análises das atas. Também deixamos claro que essa análise não se esgota nesse momento e muitas outras propostas podem surgir a partir de diferentes visões e contextos produzidos pela leitura das atas pedagógicas no período estudado.

A escola enquanto instituição sempre alcançou grande espaço na sociedade, desde séculos atrás, sendo que algumas mudanças ocorreram na forma de ensinar, agrupar os alunos, organização curricular, participação da família, influência e apoio dos órgãos governamentais, dentre outros aspectos não menos importantes.

Entretanto, a mesma apresenta-se com poder de instituição socializadora e transmissora do saber, e assim compreender o transcórrer dessas mudanças nos propõem momentos de reflexões e um olhar cuidadoso para opinar, criticar e valorizar os tempos atuais, além de propor uma visão do próprio contexto escolar e paralelamente da sociedade, pois compreendemos a importância de indagar sobre as experiências do passado para refletirmos as experiências do presente e conseqüentemente para tentarmos soluções pertinentes para uma educação equitativa.

Cabe ressaltar que o período de análise das atas pedagógicas, 1943 a 1965, corresponde à boa parte do período denominado República Populista,

culminado na ditadura militar em 1964. A Educação seguia de modo geral, ideias higienistas, eugenista e com forte civismo, compreensão de que a educação poderia ser a base de uma sociedade mais civilizada, livre das marcas de grande parte da cultura popular brasileira,

O Ministério da Educação e Cultura já existia e demonstrava uma preocupação não enfática em elaborar um projeto nacional de educação, mas longe de ser uma educação para todos, pois a obrigatoriedade educacional de 7 a 12 anos somente foi regulamentado com a Lei de Diretrizes e Bases 4.024/61 (BRASIL, 1961), apesar de que manteve um caráter elitista, seletivo e conservador. Apesar da escola estar envolta, na maioria das vezes, pelo ideário proposto pelo “Manifesto dos pioneiros da educação nova mais uma vez convocados”, que proclamava desde 1932 uma educação para todos independentes de classe social (VEIGA, 2007).

O discurso republicano aprimorou os **preconceitos raciais por meio da ciência**. Esse fator é muito importante para pensarmos os processos de desqualificação social da população escolar negra e mestiça. [...]. É importante atentar para o discurso higienista presente nas ações voltadas para a educação [...]. (VEIGA, 2007, p. 265-266, grifo nosso).

É possível perceber que os reflexos dos ideais higienistas¹ da sociedade da época se consolidou com a inauguração do dispensário médico na escola em 1939. Este espaço foi extremamente valorizado pelo corpo docente, fato descrito e enaltecido nas reuniões pedagógicas, o que nos faz compreender é que o número de alunos doentes era elevado de acordo com os registros, o que prejudicava a aprendizagem na visão da direção e professores. Este dispensário médico iria atender, principalmente as crianças que apresentavam moléstias como: dor-de-cabeça, dor-de-barriga, conjuntivite, tracoma, entre outras. A prioridade era dos alunos do 1º ano, os das outras séries, seriam atendidos em caso de emergência.

Senti um verdadeiro entusiasmo e, ao mesmo tempo, uma grande esperança ao visitar o Dispensário Médico do 3º Grupo Escolar de Ribeirão Preto. [...] quando todas as unidades escolares e demais grupos seguirem o belo exemplo e se multipliquem dispensários médicos [...]. Aristides Rabello - diretor da Seção de Tracoma do Departamento da Saúde. (ATA DO DISPENSÁRIO MÉDICO, 1940, p. 10).

Analisamos desse modo que o caráter social da instituição escolar era voltado para a questão da saúde de seus alunos, fator que era evidentemente relacionado ao aprendizado e a boa ordem da escola, demonstrando que a escola procurou integrar um desenvolvimento educacional de saúde física, mental e

¹ O higienismo é uma doutrina que nasceu na primeira metade do século XIX, quando os governantes começaram a dar maior atenção à saúde e à moral dos habitantes das cidades. Considerava-se que a doença era um fenômeno social que abarcava todos os aspectos da vida humana.

social dos alunos, apesar dos recursos financeiros escassos do contingente da população da época.

Os escritos das atas também nos apresentaram o quanto a Educação carecia de recursos públicos, sendo os membros da escola e da sociedade que se envolviam com as diversas questões sociais. O recorte seguinte apresenta uma das doações de D. Sinhá Junqueira.

Temos o prazer de comunicar o recebimento de cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) feito pela Sra. D. Sinhá Junqueira, destinados à instalação da (Caixa Escolar) sopa escolar, em continuação ao auxílio já recebido em novembro de 1946: fogão, mesa de granolito e 50 pratos fundos de alumínio. (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1947, p. 11).

Percebeu-se que havia uma cobrança velada quanto à colaboração das classes de alunos, incluindo a imagem do professor como responsável por esta atuação junto a sua sala de aula. Em outros momentos a leitura das atas indicaram a colaboração financeira dos educadores da escola.

O dispensário médico com os alunos necessitados é bastante grande e a arrecadação em certas classes deixa um tanto a desejar [...] O Sr. diretor Vladimir P. Ferraz **agradeceu às professoras a contribuição de todas pro-reforma do piano** que vai prestar grandes serviços ao estabelecimento. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1946, p. 46, grifo nosso).

A prof.^a Amélia Gugliano, fará o donativo de uma bandeira Paulista, marco fiel de sua generosidade e passagem pelo 3º Grupo Escolar, nossa querida casa de ensino. A ela, uma salva de palmas! (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1947, p. 10).

Entende-se que esta colaboração pessoal era tida como dever, pois como havia alunos necessitados, móveis para serem reparados, os professores eram vistos como benfeitores neste universo escolar. Desta forma, isentava o Estado de suas responsabilidades de investimentos financeiros à Educação, ao mesmo tempo enalteciam aqueles que fizessem tal contribuição. Em outras palavras podemos dizer que prover a escola com donativos era um ato cívico do cidadão, algo prestigioso no grupo de trabalho que o mesmo frequentava.

Atualmente, nos deparamos com escolas que se desdobram na realização de eventos diversos como: festas, rifas, realização de bazares, para suprir gastos do cotidiano escolar, em várias situações os próprios professores compram seus materiais diversos ou mesmo para os alunos. No entanto, não podemos desconsiderar os investimentos em educação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que melhorou e vem aprimorando as condições físicas e materiais das escolas públicas de todo país, mas que em muitas comunidades se torna ainda pouco diante da demanda necessária.

O caráter social do Grupo Escolar D. Sinhá Junqueira como instituição escolar assumiu um significado importante para o entorno do bairro da Vila Tibério, pois promovia vários eventos que integravam a comunidade local, o que consolidou o vínculo entre a escola e os moradores do bairro.

Devido à localização da escola próxima à igreja matriz, desenvolveram-se atividades entrelaçadas entre ambas. O vigário, eventualmente, comparecia em algumas reuniões pedagógicas. Neste momento, abençoava a escola e solicitava o auxílio, a dedicação e a persistência das professoras referente ao trabalho religioso:

Padre Jaime pediu às professoras a bem cumprirem seus deveres de cristão, dando com regularidade a meia hora de aula de religião, uma vez por semana. E preciso despertar nas crianças o amor pelas coisas de Deus e interessá-las a que frequentem o catecismo. [...] após a comemoração do Dia do Trabalho far-se-á, de modo solene a entronização do Cristo, neste estabelecimento de ensino. (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1946, p. 34).

O ensino religioso tem destaque em inúmeras reuniões pedagógicas, incluindo na rotina escolar como sendo um momento de respeito, e que esta aula não deveria ser deixada à parte: “Quando der o sinal para aula de religião, todos devem deixar tudo de lado e iniciar imediatamente a mesma.” (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1944, p. 13).

Uma professora era escolhida pela instituição encarregada pela comissão de trabalhos espirituais e a primeira comunhão era um momento especial para o contexto escolar, pois nas atas há sempre um comentário referente a este tópico religioso.

Para presidente foi escolhida a professora Anna Maria Martins, ficando encarregada do preparo espiritual das crianças, as festas religiosas. Cabe-lhe também promover comunhões, missas, convites às autoridades religiosas e, se puder, uma exposição dos trabalhos religiosos. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1947, p. 6). Deverá ser iniciada a preparação de 400 alunos para a primeira comunhão a ser realizada em outubro, na semana da criança. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1947, p. 9).

Estas configurações constatarem que a religiosidade era presente no cotidiano destes educandos, ficando evidente os elos existentes entre a Igreja Católica e a escola, mesmo que nessa época já se proclamava o ensino laico em seus princípios. Os recortes das atas anteriores evidenciam que as professoras cumpriam um papel de catequistas, função está competente à Igreja Católica que usufruía do espaço, tempo e dinheiro público. Veiga (2007) pontua a sequência de alguns fatos que consideramos interessantes.

[...] Somente em 1930 foi criado por Getúlio Vargas o Ministério da educação e Saúde, que em 1953 passou a Ministério de Educação e Cultura. Dessa época em diante houve uma maior

preocupação em traçar um projeto nacional de educação, como se pode observar nas várias reformas educacionais. [...]. Antes da criação do ministério foram reformas marcadamente estaduais, com destaque para a introdução do ensino laico, característica unificadora da escola republicana, pela separação entre Igreja e o Estado [...]. (VEIGA, 2007, p. 238).

O poder da igreja católica sob a educação sempre foi algo discutido e complexo, hoje, a escola é laica assegurada pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996 (BRASIL,1996), contudo expõem em suas paredes crucifixos, imagens de santos, propõem rezas e discrimina, pincipalmente, religiões de matrizes africanas.

Em pleno século XXI devemos valorizar a escola em sua tarefa social, e questionar que educa tanto para a obediência aos costumes sociais, como educa para um posicionamento crítico e autônomo em relação a esses mesmos costumes, talvez seja uma busca de sua própria identidade, mas ainda a religião tem um fator preponderante no cotidiano da escola, pois em diversas situações, espera-se encontrar um aluno católico, branco e de classe média, fatores herdados de uma educação elitista.

Um fator relevante que cabe um comentário neste trabalho é como a escola se recria para poder sobreviver. Conforme salientado anteriormente, temos uma instituição voltada ao social para atender às necessidades dos educandos que muitas vezes iam descalços, com sintomas diversos de enfermidades como conjuntivite, dor de barriga, visões turvas entre outros. E, nesse contexto que a escola se fortalece como instituição, de maneira dinâmica diante das adversidades e vulnerabilidades da realidade vivida. Esta especificidade, enquanto dimensão organizadora ampliou não só os laços ao seu entorno, como também, estabeleceu regras a serem obedecidas mesmo tendo um aspecto conservador, e que muitas vezes hoje é vislumbrada como algo extremamente significativo da escola de anos atrás. Como nos aponta Nadal (2012, p. 140),

[...] uma compreensão ampliada da escola, enfocando-a para além daquilo que está materialmente visível ou simbolicamente representado, pode ser capaz- ao captar a ação dos sujeitos em relação direta com a estrutura e função social estabelecidas - de reconhecer na escola não apenas outras dimensões como, também, uma dinâmica própria.

Neste movimento de reconstrução da realidade vivida, nasce o jornal escolar com características específicas da escola denominado como "O Porvir": o jornal do 3º Grupo Escolar. O registro nas atas demonstra que este jornal foi um instrumento de arrecadação de verbas para a instituição e a primeira edição iniciou-se em 1947. Neste ano, a direção da instituição era do prof. Octacílio Alves de Almeida que, em suas metas, traçou a organização de comissões formadas pelos docentes para a realização de trabalhos coletivos. A comissão do jornal, inicialmente, esteve sob a responsabilidade da prof.^a Afra Bertoldi e,

nos anos seguintes, houve o revezamento do responsável pela edição do jornal. Sua publicação ocorria semestralmente.

No ano de 1953, a quantidade de jornais vendidos foi de 2.300 exemplares. A verba arrecadada pela venda do jornal era revertida em benefícios da instituição. Realizavam-se campanhas e concursos internos para a venda dos jornais, sendo distribuídos prêmios à classe vencedora nos três períodos escolares, mais uma vez nos deparamos com a competição entre salas na arrecadação de verbas para manutenção e benefícios da escola. O objetivo de "O Porvir", no contexto escolar, era de divulgar acontecimentos do cotidiano, conteúdos trabalhados na escola, opiniões dos educandos, comemorações cívicas, entre outros. Nos seus vinte e dois anos de existência neste estabelecimento, desempenhou um papel importante no aspecto educacional, comunicativo e na divulgação de valores, costumes da época, bem como na demonstração às entidades governamentais. Subsequentemente, o jornal "O Porvir" transformou-se em jornal mural, vindo a se extinguir no final da década de 1960, não temos relatos dos motivos de sua extinção, mas provavelmente não teve condições de se manter devido questões de custeio.

É nesse sentido que salientamos a escola como entidade que se fortalece nesta sociedade, mesmo os meios sendo escassos, ela, a escola cria e se recria para responder àquilo que era dela esperado nesta sociedade. Este movimento de ideia vai ao encontro de Tardif e Lessard (2005) que forja a escola como espaço de construção, associada à visão do humano que permeia o fazer educativo. Segundo este autor citado, na escola há o existir e a existência, a vida. A transcrição da ata nos revela este segmento de reflexão, "[...] de quanto o magistério é capaz de realizar, levando a cabo, iniciativas de grande vulto, apesar da falta de meios." (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1958, p. 17).

As atas pedagógicas nos contextualizam uma escola em que os alunos mesmo com nível social desfavorecidos cursam a mesma e há uma valorização da família e empenho dos professores para que esses alunos não abandonem os estudos, fato buscado através de realizações de festas diversas que culminavam com verbas para o Caixa Escolar.

A leitura das atas pedagógicas, no período analisado, nos faz perceber que esse fato ocorreu por muito tempo, inclusive com o denominado "Livro de Ouro", em que pessoas da comunidade, geralmente abastadas, doavam valores à instituição escolar.

Um fato ocorrido foi a realização de um show-beneficente com o grupo teatral denominado de "Rocha Andrade", cujos participantes eram alunos e ex-alunos da escola. [...] O dinheiro arrecadado foi destinado à Caixa Escolar. (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA de 1958, p. 18).

[...] a verba da Caixa Escolar se destinava entre outros tópicos à compra de roupas e sapatos para os alunos carentes. Nestas vestimentas estavam incluídos, principalmente, o uniforme escolar

e roupas de frio (pulôver, cachecol e casacos). (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1945, p. 12).

Em 1957, [...] deu início ao Livro de Ouro, onde seriam registrados os donativos e contribuições recebidas. Conforme consta, a primeira doação foi do Sr. Dr. Altino Arantes, que, na época era presidente da Fundação de Assistência Social Sinhá Junqueira. (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1957, p. 46).

Percebe-se o investimento educacional por parte da sociedade, talvez por acreditar na necessidade de a população precisar de escolarização para melhorar as questões da própria sociedade, afinal apesar de todo o caráter elitista da educação nesse período, ou seja, ensino enciclopédico para a elite e profissionalizante para o proletariado, é necessário mão de obra para o trabalho nas indústrias que vinham surgindo, inclusive em Ribeirão Preto. Rubem Cione (2002) registra que o bairro da qual a escola se localiza, Vila Tibério, foi palco da construção da fábrica Companhia Antartica Paulista em 1909, requisitando a ocupar 400 operários. No contexto histórico, o Brasil passava do Império para a República em 1889 e efetivamente iniciava seu processo de industrialização. O decreto Nº 164 de 17 de janeiro de 1890 regulamentou e deu novas liberdades à existência das Sociedades Anônimas e em 9 de fevereiro de 1891 foi oficialmente fundada a "Companhia Antartica Paulista" em Ribeirão Preto como sociedade anônima. Vivencia-se, assim, o processo de urbanização e industrialização característicos do segundo modelo de desenvolvimento econômico brasileiro. (ROMANELLI, 1986).

Nesse sentido, vemos que a desigualdade social e o sistema educacional são elementos que têm raízes no processo produtivo e que, não podem ser analisadas de modo isolado da sociedade capitalista (GUZZO, 2005). A escola representou no contexto estudado um mecanismo na manutenção da divisão do trabalho pautando se pela reprodução da dinâmica da sociedade capitalista. Em outras palavras, a instituição se configurou como um espaço de convivência social incluindo ações benevolentes e ao mesmo tempo reproduzia uma educação elitizada, referindo-se aos alunos da classe pobre como sendo os "menos favorecidos da sorte". (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1946, p. 33).

A citação abaixo abriu umas destas reuniões com a fala do diretor Alberto Ferriani.

A escola não deve ser uma organização estática, deve evoluir a fim de adaptar-se à época e cumprir da melhor forma a sua finalidade. [...] Sendo este estabelecimento o maior da região escolar, resolvemos iniciar aqui essa experiência inovadora e assentarmos as bases para este trabalho. [...] o propósito não é de ditar normas, e nem de contrariar o que foi dito, mas sim, o de realizar um trabalho livre [...]. (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1961, p. 21).

Neste enunciado, fica evidente que a escola devia se renovar constantemente buscando novos métodos, propondo mudanças no sistema de ensino, pois a escola tradicional no discurso pedagógico não tinha mais eficácia

na realidade social do momento. Estes ideais se culminaram na publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação e no Brasil, a Escola Nova ganhou força a partir da década de 1920, as principais reivindicações eram a adaptações ao contexto social do país atendendo, assim, as necessidades brasileiras sendo a Educação mais democrática. Lourenço Filho (1978) pontua que os princípios deste movimento buscavam refletir sobre as condutas das ditas escolas tradicionais e gerir soluções para que a escola atendesse às necessidades da época.

As questões pedagógicas discutidas nas reuniões internas da escola deviam ser anotadas em um caderno específico denominado como “Caderno de Anotações Pedagógicas” ofertado às professoras pelo diretor. Estes apontamentos constituiriam um norte para a prática docente no momento de dúvida, pois nele deveria ser anotado as recomendações fornecidas pela direção juntamente com recados administrativos. Os temas destas orientações giravam em torno das matérias de Linguagem, Aritmética, Cantos, Geografia, Educação Física, Trabalhos Manuais entre outros.

A Linguagem estava voltada à leitura/correção de exercícios orais, erros de omissão de palavras, composição e caligrafia.

Recordou o senhor diretor que a leitura merece ter os passos perfeitamente cumpridos [...] leitura do professor da lição toda, [...] de trechos com comentários de ortografia [...] reprodução do texto lido [...] e dicção. O mau hábito que se forma nas professoras de quererem julgar a criança dotada de grandes conhecimentos e de se negarem a ajudá-la quando “engasgam” na leitura, gritando lhes de longe a palavra “certa” ao em vez de auxiliarem-na na lousa com decomposição silábica ou com observação de palavras semelhantes. Péssimo hábito também é aquele do professor julgar que pode ensinar leitura sentado. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1947, p. 13).

O ler abarcava a ideia de aprendizagem como também refletia o fazer pedagógico do professor, caso o aluno não lesse com fluência, dicção, postura era porque não houve o cumprimento destas regras o que desencadeava uma classificação das classes no contexto escolar, classificação de alunos para formação de classes tidas como homogêneas. O recorte da ata seguinte ilustra esta afirmação: “Observou [...] o senhor diretor sobre o emprego da ortografia simplificada por parte dos professores especialmente nas **classes atrasadas.**” (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1947, p. 13, grifo nosso).

A Aritmética refletia sobre as situações problemas que tinham um destaque especial nas reuniões. O mesmo diretor citado anteriormente cita Aguayo com apontamentos a ser seguidos,

Aguayo,¹ o grande e conhecido pedagogo, cita em sua Didática da Escola Nova, diversos tipos de problemas que transladamos: práticos, narrativos, contos aritméticos, de situações reais, sem número, incompletos ou proposto pelos alunos. [...] devemos evitar problemas irrealis, absurdos ou ridículos, desprovidos de toda utilidade e sem nenhuma relação com as necessidades econômicas do meio social. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1947, p. 16).

Outro autor mencionado nas reuniões pedagógicas era Mercante² que sistematizou os passos para ensinar a resolver problemas. Segundo ele, era necessária uma análise lógica dos enunciados e do entendimento interpretativo do problema (SOUZA, 2021). A sequência apresentada por Mercante em seus estudos é elucidada nas orientações dadas aos professores de maneira minuciosa conforme o registro abaixo

Para Mercante, [...] raciocinar um problema é chegar a uma decomposição tal, das partes, que se tornem evidentes por si só, isto é, que se expliquem pelo sentido (intuitivamente), daí recompor e ir, de fusão em fusão, de consequência à consequência, de dedução em dedução a atinar a pergunta [...] São quatro as fases dessa análise [...] Objetivação, [...] Indução [...], Dedução [...] e Conclusão [..]. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1948, p. 29).

No tocante à Educação Física instruíam-se que devia ocorrer na entrada dos alunos à escola de acordo com as instruções da Delegacia Regional de Ensino. À referida matéria "Contará de exercícios diários de ginástica respiratória, braços e pernas. Ginástica leve, de acordo com a hora a ser executada. Era neste momento que "os educadores deveriam ter um olhar atento à revista de uniformes, cabelo, lenço e higiene individual, devendo os erros populares, próprios do meio em que vivem os educandos serem corrigidos" (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1953, p. 33).

Os "erros populares" seriam a linguagem usada no cotidiano pelos alunos como: "taramela, trabesseiro, foia bassoura. 'Disse o senhor diretor que com exercícios diários e ditados conseguiremos em pouco tempo corrigir esses grave erros do linguajar" (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1953, p. 33). Estes apontamentos demonstram o caráter elitista da educação, pois o que não é valorizado pela elite e tido como feio, deixado à parte, deve ser excluído do cotidiano, e o popular toma o caráter de pouco afeito.

Ao Canto era dado um olhar especial no cotidiano escolar, pois "A criança sente prazer em cantar e o canto logo no início da aula alegre o espírito e predispõe ao trabalho." (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1946, p. 32). Para

¹ A obra do intelectual cubano Alfredo Miguel Aguayo (1866-1948) foi amplamente estudada e divulgada no Brasil no bojo do movimento de renovação das ideias e das práticas educacionais denominado de Escola Nova. Entre seus livros difundidos na educação brasileira estão: Didática da Escola Nova, para aprofundamento consultar (AGUAYO, 1935).

² Victor Mercante sintetizou uma das vertentes do Movimento Escola Nova: a Pedagogia Científica, conhecida como a Era dos Testes. Essa vertente tinha como pressuposto testar os alunos de modo a orientar a organização escolar, criando salas homogêneas com vistas a facilitar o trabalho dos professores.

cada dia da semana era traçado um referido hino alusivo a datas nacionais e canções populares para ser administrado pelo professor orfeão e mensalmente era apresentado pela direção um cronograma da realização dos eventos obrigatórios na instituição escola. Percebe-se aqui que a direção “controlava”, no sentido implícito as comemorações pedagógicas e cívicas da escola, não dando autonomia docente.

O civismo era extremamente ressaltado, inclusive entre estas comemorações, constava o aniversário natalício do presidente da república, Getúlio Vargas. A Independência do Brasil, era momento muito esperado e organizado um desfile de grande escala, neste sentido, cabe ressaltar que a aula de Canto reforçava as celebrações cívicas. Estas festividades ocorriam no espaço escolar ou fora dele, sedimentando os valores patrióticos nos alunos, o que condiz com a política nacionalista desenvolvida pelo Estado Novo. Os eventos sociais, também valorizados no contexto escolar, abrilhantando o cotidiano, o bairro, enaltecendo direção e professores. Um recorte da ata nos apresenta este momento de concurso extraclasse patrocinados por empresas da cidade.

Programa da Z.Y. R 79: Radio Ribeirão Preto.

Foram premiados cinco alunos deste estabelecimento, por trabalhos apresentados, em comemoração ao “Dia do Professor”. Estes programas de rádio são de alto valor educativo e todos devem estimular seus alunos a concorrerem, aos programas, fazendo-os pesquisar e compilar trabalhos e tornando parte ativa nos referidos concursos. (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA de 1956, p. 27).

O diretor Sr. Nemésio Baptista Salvador, dirigiu congratulações aos srs. professores que enviaram alunos à maratona patrocinada pelos refrescos Coca-Cola. Maratona esta que alcançou grande êxito. Figurando este grupo escolar em primeiro lugar recebeu pela vitória obtida a contribuição de cr\$ 88.250 em benefícios da Caixa Escolar, [...]. (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1965, p. 46).

Outro fato curioso foi a de que os alunos eram escolhidos para participarem do desfile de acordo com o porte físico, uniforme asseado, podendo dizer que não eram todos que participavam, havendo uma “escolha”.

[...] Os 3º e 4º anos também tomaram parte do desfile. Sairão em pelotões de trinta, com um comandante. Os professores deverão, desde já, escolher **crianças fortes, bonitas** e que possuam bom **uniforme** para essas posições. O uniforme será meninos: calça branca, curta; blusa branca de manga comprida, meias e sapatos pretos. Meninas: avental branco, fita branca, sapatos pretos e meias brancas. Os alunos reconhecidamente pobres deverão ser encaminhados à diretoria para que recebam o pano para a confecção do uniforme do desfile. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1953, p. 45, grifo nosso).

Esta seleção dos alunos reforçava a visão de que o vigor físico, de beleza e da elegância daria uma imagem positiva para a escola no referido desfile. O

registro da ata seguinte enfatizava que o uniforme era um fator importante para padronização do grupo escolar e cobrava-se do professor essa responsabilidade.

O uso do uniforme nas escolas primárias não é obrigatório, é em caráter facultativo. Mesmo assim, pelo menos as senhoras professoras devem se esforçar por uniformizar as suas classes, pois uma escola uniformizada impressiona sempre melhor a ideia agradável de ordem e de disciplina. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1946, p. 32).

Uma campanha intensiva para a completa uniformização dos alunos, torna-se necessária, pois um grupo uniformizado bem impressiona dando, pois, um aspecto agradável de ordem e disciplina. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1956, p. 15).

O encaminhamento à diretoria de alunos que comparecerem sem uniforme, para que a mesma tome providências necessárias. (ATA DE REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1964, p. 31).

Todo este contexto escolar de seleção e organização reflete a fala de Kern (2017) quando pontua que, “Essa utopia da uniformização e/ou padronização do homem brasileiro, [...] revela o caráter normativo do discurso produzido pelo movimento eugenista.” (KERN, 2017, p. 1).

Nesse movimento de ideias, a escola incorporava este padrão como correto ao selecionar os alunos mais fortes e bonitos, colocando neles o uniforme para representar o grupo escolar à sociedade da época em desfiles ou mesmo quando houvesse uma visita inesperada do Inspetor Geral, que hoje seria o supervisor de ensino.

Neste cenário, como pontua Souza (2004), o diretor assumia um papel importante perante a constituição da escola e do corpo docente, constituindo, assim, a imagem de poder legitimado dentro de sua competência perante a comunidade. Outra personagem em destaque era o Inspetor Geral o qual figurava como um elo entre os órgãos centrais da administração dos sistemas com os grupos escolares. A sua função girava em orientar, avaliar o desenvolvimento das atividades propostas no âmbito escolar e se elas eram condizentes com as orientações recebidas pelo órgão competente, nos passando hoje uma visão de “punição” velada.

Outros temas como escolha do livro didático, semanário, caixa escolar, castigos físicos, grupo de escoteiros circulavam nas reuniões pedagógicas aludidos ao contexto escolar reforçando o comprometimento dos professores na questão da disciplina, da aprendizagem e na eficácia da ação pedagógica. Estes encontros ocorriam mensalmente e o assunto tratado na reunião anterior dava sequência na próxima, o que enfatizava a ordem e a organização da instituição. Percebeu-se um currículo estático e mesmo com inovações do advento do movimento escolanovista na Educação, a escola se transformava no discurso pedagógico, mas sua prática ainda ecoava o som de uma escola conservadora.

3. Tecendo Possíveis Considerações

Diante de nossas análises e apontamentos buscamos elucidar questões sobre a escola de outrora, destacando aspectos que no imaginário de muitas pessoas concernem com um caráter de supremacia em relação a atual. Destacamos questões em torno da organização escolar e social a partir da leitura de atas pedagógicas que nos remete a um passado não tão distante, mas saudoso de muitos cidadãos que se propõem a realizar apontamentos criteriosos da escola atual.

A documentação analisada foi significativa para a produção deste artigo porque revelou não só o registro da memória da instituição, como também, indícios da construção e organização do percurso de práticas escolares no período analisado, práticas essas elitistas, proselitista, autoritárias que se refletem até hoje no cotidiano de escolas.

Percebeu-se que a escola primária, termo utilizado na época, foi reinventada no período Republicano. Com o movimento da Escola Nova consolidou-se que não bastava apenas um novo método de ensino, era necessário, neste contexto, criar espaços de higiene e conforto. Assim, foram construídos os Grupos Escolares na área urbana como símbolo de saber, transformação, de valor e disciplina. Paralelo a isso se criaram órgãos competentes que iriam vigiar e “orientar” as professoras, na maioria de sexo feminino, que desempenhassem a função de educar, baseada na premiação, no punir, na colaboração em ações sociais e religiosas no contexto escolar.

Esta escola hierarquizada pautada na ordem, na disciplina com atos cívicos fortaleceram a imagem de uma época que tentava almejar o progresso em meio às mazelas sociais. A escola se torna, neste contexto, instrumento útil na luta contra o analfabetismo e no combate de endemias decorrentes da falta de hábitos saudáveis e a falta de informações sobre doenças que circulavam no contexto social. A uniformização unificava a instituição e padronizava a ideia de “beleza” como sendo a de ordem e de disciplina.

Desta forma, acredita-se que todas as transformações ocorridas nas décadas de 1930 a 1960, atreladas com práticas pedagógicas sistematizadas, possam ter contribuído no imaginário popular de que a escola de antes ser mais atuante que a de hoje. Sabe-se que a escola se modificou ao longo dos anos com a evolução histórica econômica do Brasil de agrária-comercial para uma economia fortalecida pela industrialização e desenvolvimento tecnológico. Assim, o que ecoa nas instituições escolares não são sinos ou sinetas manuais para organização das aulas, mas o badalar da escola atual e de outrora repercute o som de padrões, valores e regras de conduta estabelecidos pela sociedade e cultura da qual está inserida.

REFERÊNCIAS

AGUAYO, Alfredo Miguel. **Didática da escola nova**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935

ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. **Arquitetura dos edifícios da Escola Pública no Brasil (1870-1930)**: construindo os espaços para a educação. Orientadora: Eurize Caldas Pessanha). 2010. 210 F. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

BRASIL Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, Senado Federal, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20/10/2022.

BRASIL Lei nº 4024/61, de 20 de dezembro de 1961. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-normaAtualizada-pl.html>. Acesso em: 10/02/2023.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto, SP**: Novo Saber. Ribeirão Preto: Imag, 2002.

ESCOLA ESTADUAL DONA SINHÁ JUNQUEIRA. Ribeirão Preto. **Ata do Dispensário Médico - 1939-1946**.

ESCOLA ESTADUAL DONA SINHÁ JUNQUEIRA. Ribeirão Preto. **Atas de Reuniões Pedagógicas -1943-1965**.

GUZZO, Raquel Souza Lobo; EUZEBIOS FILHO, Antonio. Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora. **Escritos educ.**, Ibitité, v. 4, n. 2, p. 39-48, dez. 2005 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200005 Acesso em: 7 ago. 2022.

KERN, Gustavo da Silva. As Relações de Eugenia e Educação no Pensamento de Renato Kehl. In: REUNIÃO NACIONAL – ANPED. 38.,2017. São Luís, MA. **[Anais...]**. São Luís, MA: ANPED, 2017. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT02_1268.pdf Acesso em:

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

LIMA, Rita de Cássia Pereira; COLUS, Fátima Aparecida Maglio; GONINI, Fátima Aparecida Coelho; MOKWA, Valéria Marta Nonato Fernandes; PETRENAS, Rita de Cássia. Qualidade e saudosismo: representações sociais de pais sobre a escola. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 27, p. 31-51, dez. 2008.



Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n27/v27a03.pdf> Acesso em: 24 jul. 2022.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 12 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.

NADAL, Beatriz Gomes A escola como instituição: primeiras aproximações. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, PA, v. 14, n. 1, p. 139-150, 2012.

Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3437> Acesso em: 24 jul. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História** - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> Acesso em: 24 jul. 2022.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: 1930-1973**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SACRISTAN, José Gimeno. **Educar e Conviver na cultural global**: As exigências da cidadania. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOUZA, Andréia Fernandes de, VALENTE, Wagner Rodrigues. Mercante, Thorndike e os problemas aritméticos: referências para o ensino e para a formação de professores. **Ensino & Multidisciplinaridade**, Maranhão, v. 7, n. 2, p. 25-36, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2447-5777v7n2.2021.10> Acesso em: 24 jul. 2022

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, Demerval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa; BOMBARDI, Érica; LABRES, Cleide Salme Márcia. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p. 112-113.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.



Recebido em: 11 de setembro de 2022.
Aceito em: 19 de fevereiro de 2023.
Publicado em: 17 de junho de 2023.

